

# Formulaciones empíricas de pesquisas sociológicas cuantitativas sobre temas sensibles

Desarrollo en metodologías y producción / análisis de datos

GT16: Metodología y Epistemología de las Ciencias Sociales

Paula Rincón Afonso Costa

## Resumen:

Este texto presenta reflexiones establecidas durante un curso de maestría en sociología. Se pretende, a partir de la comparación de tres encuestas de dimensiones nacionales y que establecieron cuestiones acerca de la violencia contra las mujeres desarrolladas en contextos históricos y socioculturales diferentes, comprender y analizar la formulación de sus instrumentos de investigación. Para lograr este objetivo, en el texto se presenta una primera parte de la pesquisa, en la que se discute la composición de las encuestas (forma de los cuestionarios, tipo de aplicación, estructura, ordenamiento de las cuestiones). En un momento futuro se discutirán las propias cuestiones formuladas en estos instrumentos.

**Palabras-claves:** Investigación cuantitativa, temas sensibles, violencia contra la mujer.

## 1. INTRODUÇÃO

Questões referentes à metodologia de pesquisa, e principalmente ao delineamento dos instrumentos de pesquisa, não se constituem o tema central dos estudos sociológicos. Na década de 1940, Gallup (1947) chamava a atenção para uma desconsideração da necessidade do debate acerca do delineamento das questões, pois naquele tempo o foco dos estudos que abordavam questões metodológicas estava na definição das amostras. Essa mesma preocupação foi reiterada mais de trinta anos depois pelo próprio Gallup e autores como Belson, e na década de 1990, William Foddy (1993) ainda afirmava que não havia um desenvolvimento considerável da discussão acerca das questões relativas aos *surveys*, tampouco das particularidades das palavras utilizadas em cada uma das questões. Os pesquisadores baseavam-se naquele momento em experiências de pesquisas anteriores já concluídas para conduzirem as pesquisas atuais.

Mesmo com uma reflexão não exaustiva do fazer sociológico, percebe-se que a utilização de questões em pesquisas empíricas, que implicam na coleta de dados de formas variadas, tem sido uma realidade amplamente aceita como uma forma legítima de obter informações concretas e confiáveis sobre crenças, valores, comportamentos, motivações, atitudes, significados, etc. Entretanto, a formulação dos instrumentos de coleta e das próprias questões inseridas nestes, que importam na utilização de palavras e frases que devem ser apropriadas e conter uma sequência lógica, ainda não é um alvo comum de reflexões. E, quando se trata de temas sociológicos cujas características se diferenciam das de temas comuns, a produção teórica sobre o “fazer” destas é ainda mais reduzido. Como a gama de temas considerados sensíveis é ampla e variada, para este trabalho foi estabelecido um recorte temático nas experiências que abordam a questão da violência contra as mulheres.

A partir da constatação de um cenário de relativa pequena produção acerca do fazer das pesquisas sociológicas que abordam temas delicados, objetivou-se desvendar como têm sido formuladas as pesquisas sobre temas sociológicos sensíveis e seus respectivos instrumentos de coleta de dados, e, mais especificamente como têm sido estruturadas e delineadas as pesquisa sobre a

violência contra as mulheres, que implicam em formulações empíricas tão peculiares. Para tanto foram selecionadas para comparação três pesquisas de dimensões nacionais já concluídas – duas pesquisas realizadas no México, a “Encuesta Nacional sobre Violencia contra las Mujeres” (ENVIM) e a “Encuesta Nacional sobre la Dinámica de las Relaciones en los Hogares” (ENDIREH); e, a pesquisa brasileira “Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado” (MBGEPP)<sup>1</sup> –. Neste artigo, devido à limitação de conteúdo a ser apresentado, são apresentadas apenas reflexões sobre aspectos mais gerais dos questionários. O debate acerca das próprias questões sobre violência contra as mulheres inseridas nestes será apresentada em um documento futuro.

## 2. AS PESQUISAS

### 2.1 Características gerais

Uma característica comum aos três estudos em questão é a de serem considerados *surveys*. O *survey* é um formato de pesquisa que no geral permite, a partir de uma amostra representativa de uma população (ou de um universo específico)<sup>2</sup>, compreender as dinâmicas, características, indicadores ou aspectos selecionados através da quantificação dos dados obtidos. O formato deste tipo de pesquisa possibilita a análise multivariável, isto é, a possibilidade de correlacionar diversas variáveis em uma mesma pesquisa e também que os resultados alcançados possam ser replicados (ou generalizados) a outros subgrupos de uma amostra, o que garante a representatividade deste método para uma população.

A “Encuesta Nacional sobre Violência contra las Mujeres” (ENVIM) foi realizada pelo “Centro Nacional de Equidad de Género y Salud Reproductiva” do México nos anos de 2003 e 2006. A pesquisa se baseia nas convenções pós 49ª Assembleia Mundial da Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS), ocorrida em 1996.

Durante a pesquisa analisada foram coletadas, entre os meses de agosto e outubro de 2006, informações sobre a violência familiar e a violência contra as mulheres. Trata-se de uma pesquisa com população feminina adulta usuária dos serviços de saúde de 32 estados dos Estados Unidos Mexicanos, tendo sido excluído da pesquisa - de acordo com o informe acessado, devido a motivos políticos – apenas o estado de Oaxaca. No total, foram inquiridas 22.318 mulheres de 15 anos de idade ou mais que solicitaram atenção médica aos serviços públicos de saúde de primeiro e segundo nível de atenção<sup>3</sup>, que aceitaram participar da pesquisa voluntariamente e que se encontravam só no momento da aplicação do questionário<sup>4</sup>. Esta amostra é identificada pelos/as pesquisadores como representativa da

<sup>1</sup> A partir deste ponto as três pesquisas selecionadas para análise serão referenciadas com suas respectivas siglas.

<sup>2</sup> A Pesquisa ENVIM é representativa da população feminina adulta usuária dos serviços públicos de saúde de primeiro e segundo nível, enquanto a pesquisa ENDIREH é representativa da população feminina do México e a MBGEPP é representativa das populações feminina e masculina do Brasil.

<sup>3</sup> No México o primeiro nível de atenção do sistema de saúde é responsável pela promoção da saúde, prevenção de doenças e atenção ambulatorial. Conta com médicos gerais ou “médicos de família” e equipes de enfermagem, apoiados por pessoas da comunidade. O segundo nível de atenção corresponde às especialidades básicas que são de responsabilidade de médicos especializados e enfermeiras. Incluem-se neste nível também os hospitais gerais ou específicos que contam com serviços de apoio de diagnóstico de imagem e laboratório. Por fim, o terceiro nível de atenção à saúde abrange os serviços especializados de maior complexidade, bem como investigações clínicas e básicas de responsabilidade de médicos especialistas. Contam com o apoio de equipes de enfermagem especializada e outros tipos de profissionais (OPS, 2005).

<sup>4</sup> De acordo com dados coletados pelo “Instituto Nacional de Estadística y Geografía” do México, para a pesquisa “Encuesta Nacional sobre la Dinámica de las Relaciones en los Hogares”, em 2006 a população do país era de 105.187.418 pessoas, sendo 51.161.452 homens e 54.025.966 mulheres.

população feminina adulta usuária dos serviços de saúde. Importante destacar que a população mexicana é fortemente caracterizada por sua diversidade étnica, havendo no país, cerca de 12.7 milhões de indígenas.

Já a “Encuesta Nacional sobre la Dinámica de las Relaciones en los Hogares” (ENDIREH), de 2011, foi uma iniciativa do Instituto Nacional de Estadística e Geografía (INEGI) do México, em parceria com o Instituto Nacional das Mulheres (INMUJERES).

O objetivo principal da ENDIREH foi obter informações sobre a violência contra as mulheres provocada por parceiro íntimo e também a violência que, em suas diversas formas de manifestação acontece nos âmbitos familiar e social<sup>5</sup>. Nesse sentido, procurou-se mensurar a incidência dessas violências, assim como conhecer suas características.

A ENDIREH teve cobertura nacional, representativa da população do México, que cobre a população urbana e rural. A unidade de observação da pesquisa foram os domicílios e a unidade de análise foram mulheres de 15 anos de idade ou mais, habitantes das 32 entidades federativas. Para a definição da amostra a ser inquirida na pesquisa foi utilizado o “Marco Nacional de Viviendas 2002” produzido pelo próprio INEGI a partir de informações do censo populacional realizado em 2000<sup>6</sup>. Ao todo, foram inquiridas 152.586 mulheres<sup>7</sup>.

Por fim, a pesquisa “Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado” (MBGEPP) foi o resultado de uma iniciativa do Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo (FPA), em parceria com o Serviço Social do Comércio (SESC). Trata-se de uma reedição atualizada da pesquisa anterior, realizada em 2001/2002, intitulada “A Mulher Brasileira nos Espaços Público e Privado”.

O foco desta pesquisa não foi apenas a violência contra as mulheres, e sim compreender vários aspectos da vida das mulheres. Assim, a coleta de dados abrangeu questões diversas, como: percepção de ser mulher, sobre o machismo e o feminismo; divisão sexual do trabalho e tempo livre; corpo, mídia e sexualidade; saúde reprodutiva e aborto; violência doméstica; e, democracia, mulher e política.

Ao todo, em agosto de 2010 foram aplicados questionários nos domicílios e coletados dados sobre 2.365 mulheres e 1.181 homens<sup>8</sup>, com 15 anos de idade e mais, distribuídos/as em 25 Unidades da Federação, “cobrindo as áreas urbana e rural de 176 municípios na amostra feminina e 104 municípios na masculina” (FPA; SESC, 2010).

## 2.2 Inserção do tema e forma de aplicação dos questionários

A abordagem do tema da violência contra as mulheres em pesquisas quantitativas pode ocorrer de forma variada. É possível focar o tema a partir da introdução de algumas questões sobre a violência em questionários que pretendem abordar vários temas ao mesmo tempo, ou junto àqueles que abrangem assuntos correlatos, como por exemplo, em pesquisas de vitimização, ou sobre demografia, ou sobre saúde da família, etc. Outra possibilidade é a de elaborar um estudo apenas sobre a violência contra as mulheres, específico para a análise da questão.

<sup>5</sup> Na pesquisa, utiliza-se a palavra violência provocada por parceiro íntimo como um sinônimo de violência familiar, assim como a violência que acontece nos âmbitos escolar, laboral e comunitário é referida em alguns momentos como uma violência social.

<sup>6</sup> XII Censo General de Población y Vivienda 2000.

<sup>7</sup> Em 2011, conforme o próprio instituto, a população mexicana era de 114.260.102 pessoas, sendo 56.354.505 homens e 57.905.597 mulheres (INEGI, 2011).

<sup>8</sup> De acordo com dados do censo demográfico do ano de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010 a população brasileira era de 190.755.799 pessoas, sendo 97.348.809 mulheres e 93.406.990 homens (IBGE, 2011).

Na definição de qual a forma mais apropriada a cada contexto de realizar uma pesquisa sobre a violência contra as mulheres costumam ter grande peso aspectos de caráter político e financeiro. Isto porque, as pesquisas são realizadas por sujeitos e/ou instituições que tem interesses e objetivos específicos, sendo que a coleta de dados responderá a uma necessidade vislumbrada por estes que também serão as pessoas/instituições responsáveis pela divulgação dos dados.

Entre as pesquisas aqui analisadas, observa-se que, mesmo sem considerar as questões destinadas à caracterização das pessoas ou dos domicílios que constituíram a amostra (que geralmente estão presentes em todas as pesquisas sociais), nenhuma foi dedicada apenas ao estudo da violência contra as mulheres. Entretanto, deve ser considerado que a ENVIM e a ENDIREH incluíram nos questionários assuntos que iam além da violência contra as mulheres, mas que fazem referência a características que eram de interesse para os órgãos/institutos que as realizaram e, no geral, tem relação direta com a constatação de situações de violência contra as mulheres. No caso da ENVIM, observa-se que as questões que vão além do tema da violência se relacionam aos aspectos da saúde das mulheres e podem ser consideradas complementares à caracterização do quadro de violência contra as mulheres. No caso da ENDIREH, as questões sobre recursos financeiros podem também serem associadas a situações de violência econômica, por exemplo.

A realização de pesquisas dedicadas apenas ao tema da violência contra as mulheres tem sido reconhecida como a melhor forma de se pesquisar sobre a temática. Ao centrar-se nesta característica principal é possível garantir uma maior qualidade dos dados e a segurança das pessoas envolvidas. A segurança tanto de/das pesquisadores/as, inquiridores/as quanto das pessoas que aceitam participar da pesquisa é algo para o que se deve atentar durante todo o processo de pesquisa, desde sua concepção até a análise e divulgação dos dados (OMS, 2001). Ainda existe um consenso em torno ao fato de haver, nas pesquisas dedicadas apenas à temática, uma preocupação maior em suprir os problemas metodológicos que possam surgir durante a pesquisa, focando somente na questão da violência contra as mulheres (Walby & Myhill, 2001).

Recomendações de pesquisadores da *United Nations Economic Commission for Europe* (UNECE) apontam como vantagens das pesquisas que abordam apenas a temática: a amostra pode ser estabelecida para o objetivo da pesquisa; os/as entrevistadores/as e/ou inquiridores/as podem ser selecionados e treinados de acordo com o objetivo estabelecido; é mais fácil seguir questões éticas e de segurança; o engajamento de pessoas que trabalham ou têm contato frequente com o tema facilita a utilização e divulgação dos dados; permite formas de mensuração específicas; e, os questionários tendem a ter um design dedicado somente à questão, com variáveis que permitem compreensões mais aprofundadas do fenômeno (UNECE, 2011).

Outro aspecto que caracteriza as pesquisas que abordam temas sensíveis/delicados e visto pelos especialistas como de importância fundamental na qualidade dos resultados obtidos, é a forma como os instrumentos são aplicados, ou seja, o modo como o/a pesquisador/a estabelece o contato com o/a respondente. Isto porque a aplicação pode ter implicações diretas nas respostas à inquirição, já que a forma como a pessoa inquirida se relaciona com o instrumento pode criar resistências e indisposições a respondê-lo.

Analisando as pesquisas selecionadas, observa-se que todas foram aplicadas de forma pessoal/direta (face a face)<sup>9</sup> com a participação de um/a inquiridor/a, e utilização de um questionário impresso no caso da MBGEPP, e questionário eletrônico através da utilização de um computador portátil no caso da ENVIM e da ENDIREH.

---

<sup>9</sup> Este método de aplicação, por sua recorrência durante o levantamento de experiências de pesquisas existentes nesta seara, foi um critério para a seleção das pesquisas que seriam analisadas nesta dissertação.

### 3. INSTRUMENTOS DE PESQUISA

#### 3.1 Abordagem da violência contra as mulheres

Durante uma etapa exploratória percebeu-se que a abordagem do conteúdo proposto acontece a partir de diferentes perspectivas, fato que dificulta a interpretação e a comparabilidade dos dados produzidos. A própria definição utilizada para conceituar a violência é diferenciada, dando origem a pesquisas que partem de perspectivas teóricas de compreensão do fenômeno que identificam a raiz do problema ora no agressor, ora na vítima, ora na sociedade, etc.

Na pesquisa ENVIM, aborda-se a violência contra as mulheres a partir da ótica da saúde pública e, portanto, como um problema oriundo de múltiplos fatores e com diferentes causas. Isto significa “que tem influencia diversos fatores, tais como a existência de ambientes inseguros, a presença de fatores de risco social, comunitários e individuais associados a este fenômeno e a forma como a sociedade se organiza para dar uma resposta” (Secretaría de Salud; Centro Nacional de Equidad de Género y Salud Reproductiva; Instituto Nacional de Salud Pública, 2009, p. 54, tradução nossa). Aqui se utilizou o marco ecológico para a compreensão do fenômeno.

A ENVIM aborda a violência contra as mulheres utilizando os conceitos de violência conjugal, ou violência perpetrada por parceiro íntimo (considera-se como parceiro íntimo um homem, portanto aqui se trata da violência perpetrada por parceiro íntimo masculino, isto é, em relação heterossexual). Os tipos de violência considerados foram: física, emocional, sexual e econômica.

A pesquisa ENDIREH aborda o conceito de violência contra as mulheres a partir da definição da “Declaração para a Eliminação de todas as formas de Violência contra a Mulher”, da ONU (1994), e indo além, para a definição do fenômeno ainda foram examinados os documentos que constituem marcos legais, com suas respectivas teorias, conceitos e definições (INEGI, Informe operativo, 2011).

Então, baseando-se em teorias de fontes diversas, a pesquisa não se limitou às formas de manifestação da violência explicitadas na declaração citada da ONU (1994) que serviu para seu embasamento inicial - que são a física, sexual e psicológica -, pois também foram incluídas as violências econômica e patrimonial (a violência psicológica é abordada como sinônimo de violência emocional). Seguindo a declaração, a pesquisa fundamentou sua compreensão do fenômeno como algo que pode ocorrer no ambiente privado ou público, ou seja, como uma violência que pode ocorrer em diferentes espaços de convivência. Isto implicou a inclusão nas possibilidades de espaços de ocorrência do fenômeno, de outros espaços além da esfera privada (o domicílio), os ambientes laboral, escolar e social.

As questões incluídas no instrumento de pesquisa em alguns momentos perguntam apenas sobre uma forma de violência, mas o mais comum foi a elaboração de questões que abordassem várias formas ao mesmo tempo, a partir da inclusão de diversos itens em um mesmo enunciado.

Já na pesquisa realizada no Brasil em 2010, a MBGEPP, depreende-se das questões incluídas no instrumento de coleta de dados aplicado a uma amostra de mulheres e de homens brasileiras/os, que se utiliza o referencial de violência doméstica e familiar definido pela Lei Maria da Penha. A Lei nº 11.340/06, mais conhecida como Lei Maria da Penha, entrou em vigor em 22 de setembro de 2006 e representa um marco jurídico de extrema importância no país. Com essa, adota-se o conceito de violência contra a mulher exposto na Convenção de Belém do Pará, estabelecem-se mecanismos de proteção às mulheres vítimas e medidas preventivas da violência doméstica e familiar (Bandeira, 2009). A partir da sanção da Lei, esta violência passou a ser considerada como composta principalmente por cinco formas de violência: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

### 3.2 Estrutura dos questionários

A estrutura escolhida para cada questionário – que compreende aspectos como a sequência em que as questões foram dispostas e a extensão dos instrumentos de pesquisa – tem implicações diretas nas taxas de resposta. Isto porque, se bem pensada, pode-se “[...] reduzir o esforço físico e/ou mental do respondente, além de assegurar que todos os temas de interesse do pesquisador sejam tratados numa ordem que sugira uma ‘conversa com objetivo’, mantendo-se o interesse do respondente em continuar” (Günter, 2003, p. 12).

Observa-se que muitos instrumentos de pesquisa iniciam com perguntas que visam traçar o perfil da pessoa inquirida, apontadas por Günter (2003) como perguntas burocráticas como, por exemplo, nome, sexo, idade e perguntas delicadas como é o caso do questionamento acerca da renda familiar (questões que geralmente compõem um bloco nomeado “identificação”). Entretanto, este procedimento não é indicado por alguns autores e é até considerado um erro, pois, de acordo com Günter (2003) em várias pesquisas identificar os respondentes não é algo conveniente. O autor argumenta que, se a pessoa concordar em participar da pesquisa, deve-se iniciar com perguntas que abordem a temática em questão, já que para a pessoa, a temática pareceu ser interessante e/ou relevante ao ponto de se prontificar a responder. As perguntas burocráticas (itens sobre características socioeconômicas) seriam mais bem dispostas ao final dos questionários. Então, há uma preocupação quando da elaboração do instrumento de iniciar com perguntas mais gerais, mais abrangentes, menos delicadas, menos pessoais, para só após iniciada a pesquisa e criado um sentimento de confiança (*rapport*) entre o/a pesquisador/a e a pessoa inquirida, partir para questões mais delicadas e mais pessoais (Foddy, 1993; Günter, 2003).

Concorda-se com os autores quanto ao possível incômodo gerado nas pessoas inquiridas quando lhes são formuladas logo ao princípio da pesquisa questões íntimas e pessoais. Entretanto acredita-se que seja possível traçar aqui uma diferença entre questões de identificação do/a respondente e questões de caracterização destes/as, sendo que ao primeiro grupo corresponderiam aspectos mais gerais e que não permitiriam o reconhecimento de uma pessoa dentro da amostra, e ao segundo seriam associadas aquelas questões que vão mais a fundo no detalhamento de características pessoais da pessoa entrevistada e que poderiam gerar um certo desconforto.

Na discussão sobre o fato de a sequência em que estão dispostas as questões poder influenciar as taxas de não resposta, há outro aspecto que deve ser considerado, que é a possibilidade de que perguntas dispostas ao princípio dos questionários influenciem na respostas dadas às perguntas seguintes. Há indícios de que esta influência é plausível e real, e pode ocorrer de formas diferentes. Conforme assinala Foddy (1993), há três implicações possíveis. A primeira, associada principalmente ao caso em que as perguntas específicas precedem uma pergunta geral sobre um mesmo tema, implica em que estas questões específicas gerem um efeito de “origem” ou uma “evasão de redundância”, que seria modificar a interpretação das questões seguintes e mais gerais. A segunda implicação seria uma necessidade das pessoas inquiridas de se mostrarem consistentes em suas respostas e, por isso, seguirem uma linha que lhes pareça mais coerente às questões anteriores, mesmo que não sejam suas respostas “preferidas”. Por último o autor ressalta que a própria ação de responder a perguntas anteriores pode fazer os/as respondentes pensarem sobre suas opiniões sobre um determinado assunto, e desta forma eles/as possivelmente emitirão em momentos posteriores, respostas que não seriam formuladas se não tivessem pensado sobre isso em um momento inicial (Foddy, 1993).

Existe, portanto, na bibliografia sobre a elaboração de instrumentos de pesquisa (principalmente sobre as pesquisas de opinião), uma preocupação de sequenciar as questões de acordo com seu nível de generalidade, iniciando-se com a questão mais geral, partindo gradualmente para questões específicas. (Foddy, 1993; Günter, 2003). Para Günter (2003) seguir essa regra do “geral” para o “específico” é, em algumas pesquisas, essencial para que seja possível alcançar um nível de confiança tal que a pessoa inquirida se sinta a vontade para emitir respostas autênticas. Importante ressaltar que, dentro da lógica desta regra, o autor observa que esta pode ser aplicada somente a uma sequência de perguntas dispostas dentro de um grupo sobre uma determinada temática. No caso das pesquisas que contam com blocos temáticos, o autor ainda indica que é aconselhável elaborar uma introdução para cada seção para ajudar a que o/a respondente se concentre no tema que será abordado.

Outra forma segundo a qual a ordem das questões pode afetar os resultados, é que quando dispostas de uma determinada forma, as questões podem condicionar as pessoas inquiridas a emitirem determinadas respostas, principalmente se estas apresentam as mesmas opções de respostas. Geralmente, quando várias questões similares são formuladas, as pessoas tendem a escolher as mesmas alternativas de respostas sem considerar as opções possíveis e o enunciado da questão.

Percebe-se que as recomendações apontadas, referentes a como iniciar as pesquisas sociais, principalmente aquelas que abordam assuntos delicados, foram preocupações presentes nas três pesquisas analisadas. A sequência de ordenamento das questões adotada na ENVIM alinhou-se às observações dos especialistas, pois é perceptível o movimento feito de questões mais gerais, mais abrangentes, para questões específicas e delicadas, que podem gerar incômodos. Iniciou-se com questões de caracterização dos domicílios e de seus habitantes, identificação dos motivos das mulheres recorrerem aos serviços de saúde para depois se perguntar sobre características sociodemográficas das próprias mulheres e abordar aspectos de suas vidas referentes aos seus relacionamentos, caminhando em direção ao final com perguntas que abordam diretamente a violência perpetrada contra os/as respondentes, em suas diversas formas de expressão. Analisando as questões de acordo com o assunto abordado em cada momento, nota-se que sempre que se iniciou um assunto diferente começou-se com perguntas mais gerais e de menor “tensão” para introduzir a discussão, partindo posteriormente para perguntas mais particulares e, portanto, que podem ser percebidas como mais invasivas e gerar tensões. Pode-se afirmar que o questionário aplicado na ENVIM apresenta um aprofundamento gradativo da sensibilidade/delicadeza dos aspectos abordados pelas questões, realizando questões cada vez mais relacionadas a aspectos íntimos e específicos, evitando gerar mais tensões nas pesquisadoras de campo e nas mulheres respondentes na medida em que a aplicação do questionário se desenvolve.

Na ENDIREH percebe-se que o instrumento de coleta de dados também foi estruturado tendo em vista as preocupações mencionadas. Os três tipos de questionários elaborados iniciaram com perguntas mais gerais e sobre as características físicas dos domicílios, com a caracterização das pessoas que residem naqueles espaços (dados sociodemográficos) e do estado conjugal das mulheres de 15 anos de idade ou mais, para só então dar início às perguntas específicas que variam de acordo com o tipo de questionário (A, B, ou C) e que questionam sobre a vida das mulheres, as relações estabelecidas nos domicílios e as violências sofridas por estas.

As questões inseridas nos blocos específicos de cada questionário aplicado na ENDIREH também foram ordenadas de forma a começar com assuntos mais amenos, para, gradualmente perguntar sobre temas que poderiam ser delicados para estas mulheres responderem. Assim, nos questionários as primeiras perguntas visaram identificar o domínio pela mulher de língua indígena, características de sua renda financeira, e ambiente de trabalho. Na seção sobre o ambiente de trabalho, foram feitas perguntas acerca da discriminação de gênero nestes espaços a partir da menção a diferenças salariais, acesso a postos de trabalho, oportunidades, e também a forma como a mulher foi

tratada quando grávida. Somente depois de realizadas estas questões foram inseridas perguntas sobre a vivência de situações de violência em suas várias formas de expressão que possam ter ocorrido no ambiente de trabalho, escolar e social. Para introduzir tais questões a inquiridora deveria ler uma instrução específica a esta seção.

Percebe-se que há uma preocupação em preparar as mulheres que se disponibilizaram a participar da pesquisa para que pudessem responder às perguntas sobre violências que seriam realizadas em seguida. Em todos os três questionários elaborados na ENDIREH, as primeiras questões trataram de violências perpetradas em ambientes públicos, por outras pessoas que não os maridos, companheiros/as, namorados/as, ex-maridos, ou seja, por pessoas que não aquelas com quem a mulher tivesse estabelecido relações íntimas. Somente após estas perguntas iniciais foram introduzidas questões para identificar a prática de violências por parte de seus familiares, e posteriormente questões sobre experiências violentas com seus/suas parceiros/as íntimos/as, ou ex-parceiros/as. Interessante notar que, nos três tipos de questionários, o bloco que abordou a vida com um/a parceiro/a íntimo/a iniciava com perguntas mais amplas sobre a vida do casal para ao final falar sobre tensões, conflitos e violências. Em direção ao fim dos questionários da ENDIREH, diminuiu-se gradualmente o nível de tensão ou delicadeza das perguntas, introduzindo sequencialmente temas como decisões; liberdade pessoal, disponibilidade de recursos; opinião sobre papéis sociais masculinos e femininos; recursos sociais; divisão do trabalho nos domicílios e perguntas para mulheres de 60 anos de idade ou mais.

Na pesquisa MBGEPP, no questionário elaborado para as mulheres há um movimento semelhante ao da ENDIREH, de gradual aumento de tensão provocada pela sensibilidade e delicadeza dos temas abordados nas perguntas, e posteriormente uma distensão. Iniciou-se com questões mais gerais, relacionadas a aspectos sociais, sobre a percepção do ser mulher, machismo e feminismo, passando-se ao questionamento sobre corpo, mídia, para então perguntar sobre aspectos da vida particular destas mulheres, como sua sexualidade. Para começar a seção relacionada à sexualidade, foi introduzido um enunciado logo ao início desta que deveria ser lido pelo/a pesquisador/a de campo. Neste enunciado se explicitava que a partir daquele ponto seriam feitas algumas perguntas de caráter mais pessoal e ressaltava-se que, caso a mulher não quisesse responder a alguma das perguntas poderia sinalizar sua vontade que se passaria para a questão seguinte.

Em continuidade à seção sobre sexualidade foram realizadas perguntas relacionadas à saúde reprodutiva e ao aborto. No meio destas, perguntou-se sobre experiências de desrespeito ou outras violências quando da gestação e parto da mulher. As próximas questões que faziam referência a experiências de violência foram precedidas pela questão P70, que sinalizava que a partir daquele ponto se estava mudando de assunto e perguntava se a mulher já havia sofrido algum tipo de violência por parte de algum homem, conhecido ou desconhecido. Logo em seguida foram realizadas 8 questões especificamente sobre possíveis tipos de violência sofridos pelas mulheres por parte de algum homem e questionou-se sobre a Lei Maria da Penha. Posteriormente, passou-se sem nenhuma preocupação maior em avisar as mulheres sobre o assunto que seria abordado, a perguntas sobre democracia e política. Após, foram realizadas perguntas sobre o perfil sociodemográfico e de caracterização da mulher e de sua família, e de forma contínua a estas questões, abordou-se também a violência contra as crianças e a divisão do trabalho doméstico. A estrutura do questionário da pesquisa MBGEPP aplicado aos homens não difere muito da estrutura do questionário aplicado às mulheres, produzindo o mesmo movimento de tensão e distensão.

Portanto, em todas as três pesquisas, as perguntas sobre a violência contra as mulheres em suas diversas formas de expressão, ou sobre a violência entre parceiros íntimos, foram dispostas ao longo dos instrumentos de coleta de dados. Em alguns casos houve a indicação, através de enunciados que deveriam ser lidos pelo/a pesquisador/a de campo, de que perguntas sobre temas delicados seriam



realizadas (ENDIREH e MBGEPP); e em outros (ENVIM), este tipo de questões foram inseridos de forma direta, sem nenhuma sinalização ou enunciado que preparasse o/a respondente para tais perguntas, e dispostos na continuidade de outros temas mais gerais e de baixa sensibilidade.

Interessante abordar neste ponto um aspecto mencionado anteriormente, que é a sequência em que as questões que visam à caracterização socioeconômica foram realizadas nos instrumentos de coleta de dados. Nas pesquisas aplicadas no México, optou-se por uma inserção destas em um momento inicial, de forma a estabelecer um contato com as mulheres inquiridas para somente após, imergir em questões temáticas. Já na pesquisa MBGEPP, algumas perguntas deste tipo foram inseridas durante o desenvolvimento do instrumento de coleta, entremeadas a perguntas referentes a outras temáticas, mas percebe-se uma concentração destas ao final do questionário.

Tal disposição vai de encontro às indicações de alguns autores, de iniciar os questionários com perguntas que sejam tanto mais gerais quanto menos pessoais, pois para muitas pessoas a ação de responder a questões que as caracterizam como, por exemplo, questões sobre a renda familiar, podem não ser algo simples e sim consideradas uma intromissão do pesquisador se elaboradas logo ao início do inquérito (Foddy, 1993; Günter, 2003).

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a elaboração deste estudo percebeu-se que embora as reflexões e relatos sobre as experiências concretas das pesquisas sobre violência contra as mulheres não sejam amplas, quando do delineamento dos questionários as especificidades associadas ao estudo da violência contra as mulheres apontadas pela literatura são em grande maioria consideradas pelos/as pesquisadores/as, visando dentre outros aspectos a garantia de taxas de resposta consideráveis, a segurança das pessoas participantes, a veracidade das respostas durante coleta de dados acerca desta temática. Também foi possível constatar que há diversos formatos possíveis de delineamentos, tanto de aspectos mais gerais dos questionários – forma como a temática vai a campo e posicionamento das questões sobre violência contra as mulheres –, quanto das próprias questões sobre violência contra as mulheres. Este último aspecto não foi percorrido neste artigo, pois é fruto de reflexões atuais e que serão publicadas em documentos futuros. A etapa de análise plasmada neste artigo reforçou a crença da autora da necessidade de ressaltar as especificidades do tema também nas pesquisas sociais para ampliar o debate e para que se possa avançar na obtenção de dados válidos e confiáveis acerca de um fenômeno que faz milhares de mulheres vítimas todos os anos, independente de classe social, raça, etnia, idade, nacionalidade ou orientação sexual.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bandeira, Lourdes. (2009). Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil: 1976 a 2006. In: *Sociedade e Estado*, v. 24, n. 2, 401-438. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/se/v24n2/04.pdf>>. Acesso em 29 mai. 2012.
- Foddy, William. (1993). *Constructing Questions for Interviews and Questionnaires*. Theory and Practice in Social Research. Cambridge University Press, Cambridge, United Kingdom.
- Fundação Perseu Abramo; Serviço Social do Comércio (2010). *Pesquisa Mulheres brasileiras nos espaços público e privado 2010*. Disponível em: <<http://www.fpa.org.br/galeria/democracia-mulher-e-politica>>. Acesso em: 21 jun. 2012.

- Gallup, George. (1947). The Quintamimensional Plan of Question Design. *Public Opinion Quarterly*. 11. 385-393. Disponível em: <<http://web.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=a1325d19-4fde-4477-9d36-dba51fc6339d%40sessionmgr14&vid=2&hid=22>>. Acesso em: 24 jun. 2013.
- Günter, Hartmut. (2003). *Como Elaborar um Questionário* (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, Nº 01). Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental. Disponível em: <<http://www.ic.unicamp.br/~wainer/cursos/2s2006/epistemico/01Questionario.pdf>>. Acesso em 21 jun. 2012.
- Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI). (2012). *Encuesta Nacional sobre la Dinámica de las Relaciones en los Hogares 2011: ENDIREH: Informe operativo*. México.
- Organización Mundial de la Salud (OMS). (2001). *Dando prioridad a las mujeres: Recomendaciones éticas y de seguridad para la investigación sobre la violencia doméstica contra las mujeres*. Departamento Género y Salud de la Mujer. Grupo Salud Familiar y de la Comunidad. Ginebra, Suiza.  
Disponível em: <[http://whqlibdoc.who.int/hq/2001/WHO\\_FCH\\_GWH\\_01.1\\_spa.pdf](http://whqlibdoc.who.int/hq/2001/WHO_FCH_GWH_01.1_spa.pdf)>. Acesso em 10 abr. 2012.
- Secretaría de Salud; Centro Nacional de Equidad de Género y Salud Reproductiva; Instituto Nacional de Salud Pública. (2009). *Encuesta Nacional de Violencia contra la Mujer: ENVIM 2006*. D.F., México: INSP, SSA. Disponível em: <[http://cedoc.inmujeres.gob.mx/documentos\\_download/ENVIM\\_2006.pdf](http://cedoc.inmujeres.gob.mx/documentos_download/ENVIM_2006.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2012.
- United Nations Economic Commission for Europe (UNECE). (2011). *Measurement of Violence Against Women Through Statistical Surveys*. ECLAC e-course. CD-ROM.
- Walby, Sylvia; Myhill, Andrew. (2001). New survey methodologies in researching violence against women. In: *Brit. J. Criminol.*, n. 41, 502-522.